



Faces ficcionais da paixão

Meu amor, de Beatriz Bracher

Darville Lizis*

O título *Meu amor* (2009) gera um desconcerto que a leitura não reduz, ao contrário, exacerba. A começar pela autoria (afinal, feminina) e a cor da capa (rosa púrpura), nossos pré-conceitos são destruídos, um a um, com o passar das páginas. O tema recorrente não é aquele que nossa mente, num primeiro momento, formula. O amor jamais se transmuta em drama romanesco. Os núcleos de todas as narrativas devem ser entendidos como paixões, compreendidas como sentimentos variados: dúvida, ódio, incerteza, vazio, angústia, tesão. São os amores humanos.

Se a humanidade começou a produzir ficção para tentar explicar o mundo, Beatriz Bracher tece uma espécie de geografia de algo igualmente incognoscível: a paixão. Nesse sentido, transita por diferentes espaços sociais e culturais, em escrita que prioriza a prosa, mas adere igualmente ao verso. “A coruja”, por exemplo, chega a remeter à cantiga medieval galego-portuguesa. Goldman afirma que, na tentativa de não se submeter ao sistema, a arte implode a forma. Nas histórias de que tratamos aqui, as palavras dão conta do tema por efeito da simbiose, para benefício da linguagem.

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A maioria dos contos é narrada em primeira pessoa, em incorporação de personas bastante variadas: donas de casa, mulheres ricas, fugitivos da Febem, uma menina ciosa do sexo, um menino traumatizado, uma intelectual vítima de assalto. Em alguns contos – como em “Cloc, clac (crianças, a cidade e a sala)” – o foco se abre, para abranger o sentimento coletivo.

Os amores são desvendados, sem que a investigação conduza a certezas ou normas. O corpo é um elemento recorrente, apresentado desde sua descoberta até sua compreensão pelo outro. A sutileza entre olhar e enxergar gera inquietação. A possibilidade de a perspectiva exterior resultar em invasão suscita estranhamento e náusea.

A cisão entre o real e o imaginado é outro dado importante. O questionamento do real construído socialmente ou conforme engendrado pela subjetividade permeia a coletânea. Quais os limites entre eles? Como estruturamos o real utilizando a memória coletiva? Em que circunstâncias a lembrança individual depende da social? Essas e muitas outras questões norteiam e adensam a ficção aqui analisada.

Segundo Foucault, reconhecer o outro é dar-lhe voz. As narrativas reunidas no volume são protagonizadas tanto por desvalidos quanto por abastados, trazidos à tona pelos seus quereres. As situações desestabilizadoras que os acometem formam uma ciranda de sensações que nos arrebata, dilacera e une. De tal maneira que ora nos vemos embaçados ante o terrível, ora experimentamos no próprio corpo a tragédia. Afinal, todos estamos sujeitos ao arrastão passional, que varia de verdade na maneira como se expressa.

Mais que transposição, a ficção de Beatriz Bracher é uma recriação do real que se harmoniza por força da temática e se des-

dobra em uma verdadeira pluralidade de feições. Se um conto traz uma menina estuprada coletivamente numa cela, outro focaliza uma descoberta do corpo movida por uma atração quase incestuosa. Os universos variam e, ao mesmo tempo, têm em comum o desejo. As personagens dançam as paixões, em encarnação de todos e qualquer um: eles, outros, nós mesmos – imersos inelutavelmente nos amores.

